

A *Vita Contemplativa* como possibilidade de Liberdade na Sociedade do Cansaço em Byung-Chul Han

Willian José Fernandes da Silva¹

Resumo: Byung-Chul Han é um filósofo sul coreano erradicado na Alemanha. Estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique. Doutorou-se na mesma universidade com uma tese em Heidegger. Atualmente leciona Filosofia na Universidade das artes de Berlim. Han escreveu diversos ensaios sobre a sociedade atual, dentre eles, *Sociedade do Cansaço*. Nesse ensaio, Han trata da questão do cansaço e de como a sociedade ocidental vem se tornando resultado das doenças neuronais, em virtude do excesso de positividade que leva ao desencadeamento de uma série de problemas neurológicos como a depressão e a Síndrome de *Burnout*. Em seu ensaio sobre a sociedade do cansaço, Han apresenta a falta do ócio na sociedade moderna como sendo a responsável pelo cansaço da sociedade atual. Para ele, o homem é por natureza um ser contemplativo. Sem o ócio, o homem perde a capacidade contemplativa e torna-se um mero trabalhador, um escravo de si mesmo. A solução para o homem contemporâneo, proposta por Han, é reestabelecer o equilíbrio entre a *vita activa* e a *vita contemplativa* resgatando a contemplação como elemento central da vida humana.

Palavras- chave: Contemplação, Liberdade, Sociedade do Cansaço, *Vita Activa*, *Vita Contemplativa*.

Introdução

As evoluções sociais comprovam que as sociedades estão em constante modificação para estruturas cada vez mais complexas. Com o florescer do século XXI a sociedade começou a dar sinais de que estava mudando. Diante disso, surgiram novos desafios que devem ser superados não só pela filosofia, mas pelas ciências, como um todo. Hoje se percebe um grande progresso em inúmeras áreas e, ao mesmo tempo, é possível observar o surgimento de alguns males jamais vistos por nossos antepassados. Esses males, que muitas vezes vem em forma de doenças, muitas delas de caráter social, são muito próprios de cada período e/ou de uma determinada sociedade.

O século XXI é conhecido por diversas alcunhas, dentre elas a de “século da depressão”. Nunca se ouviu falar tanto em problemas neuronais como hoje em dia. Déficit de atenção, Síndrome de hiperatividade, Transtorno de personalidade limítrofe e a síndrome de *Bournout*, dentre outros transtornos tão graves e por vezes irreversíveis,

¹ Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UE Lorena. Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Jefferson da Silva.

formam a paisagem patológica do nosso século. Todavia torna-se inevitável a pergunta: como essas situações que estão postas ocorrem e como a humanidade pode lidar com elas? Han irá fazer uma profunda reflexão acerca dessas questões em seus diversos ensaios, sendo um dos mais eminentes sua obra *Sociedade do cansaço*.

De fato pode-se dizer que a sociedade atual é uma *sociedade do cansaço*? Como isso se dá? É preciso fazer um diagnóstico da sociedade atual para entender o momento pela qual ela está passando afim de que todas suas experiências sirvam para o progresso do homem em sua integralidade. É cada vez mais preocupante o número de pessoas que estão se sentindo esgotadas, seja pelo trabalho do dia-a-dia, seja pela falta de sentido de uma vida fugaz como é a presente. A sociedade do tempo presente dá cada vez mais sinais de estar cansada.

Como filósofo, Byung-Chul Han irá pensar nas possíveis causas desse cansaço. A reflexão de Han vai muito além de uma análise das patologias desse tempo, ele usa dessas questões para chegar ao problema da liberdade. O sujeito do início do século XXI é dito por Han como “sujeito de desempenho”. Para ele, o sujeito de desempenho se entrega a uma liberdade coercitiva ou à livre coerção para maximizar o seu desempenho.

As causas do excesso de trabalho são a agudização de uma autoexploração que caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência.

Desse modo, a contemplação é uma via pela qual o homem pode alcançar a liberdade, através do equilíbrio entre *vita activa* e a *vita contemplativa*. Durante esse estudo será analisada, a partir da visão do filósofo Byung-Chul Han, como é possível superar a sociedade do cansaço através da *Vita Contemplativa* que vem sendo esquecida e reduzida a mero descanso, enquanto a tese de Han sustenta que ela é vital para o equilíbrio da vida humana.

1. Um breve histórico da observação

O homem é, por natureza, um ser contemplativo. É essa a principal distinção que diferencia o homem dos animais, ou seja, não apenas o caráter racional, mas também o

caráter contemplativo². Existe também outra capacidade própria do homem, trata-se da capacidade de trabalho, que é diferente da capacidade contemplativa. A principal diferença entre o trabalho e o ócio³ é que o trabalho não repousa em si mesmo. Está empregado em produzir somente o útil e o necessário.

De acordo com Aristóteles, o belo e o nobre estão para além do trabalho⁴. Este, por sua vez, caracteriza-se pela falta de tranquilidade e, portanto deve submeter-se ao ócio. Nesse sentido, para Aristóteles, *a essência do homem não seria o cuidado, mas sim o ócio*⁵. Em consonância com Aristóteles, Han afirma que *A calma contemplativa tem a primazia absoluta*⁶.

Ainda segundo Aristóteles o homem livre possui três tipos de vida (*bioi*): a *hedone* – vida que aspira o prazer; a que realiza as ações belas e nobres na polis – *bios politikos*, e a que se dedica a contemplação da verdade – *bios theoretikos*⁷. Essas formas de vida são livres de determinação. Por sua vez, o trabalho está ligado às necessidades da vida e não possui um fim em si mesmo. De acordo com Han:

A maior felicidade brota do demorar-se contemplativo na beleza, antigamente chamada *theoria*. Seu sentido temporal é a duração. Ocupa-se das coisas eternas e imutáveis, que descansam em si mesmas. Nem a virtude nem a sabedoria, só a entrega contemplativa à verdade aproxima o homem aos deuses⁸.

A concepção de ócio mudou muito desde os gregos, ao passo que a concepção moderna acaba por possuir um caráter distinto daquele que possuía na cultura grega. Nesse sentido, Han defende a recuperação do sentido originário daquilo que chama de cultura do ócio: *A cultura antiga do ócio acentua, vista em perspectiva, que é possível um mundo distinto ao atual, um mundo no qual o traço fundamental da existência humana não seja o cuidado (Sorge) de Heidegger*⁹. Todavia, não é essa a cultura

² De acordo com Han: *O homem, sem dúvidas, é algo mais que um animal, porque possui a capacidade contemplativa, que lhe permite comunicar-se com a duração, que não é nenhum estilo.* (HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2297-2299).

³ Ócio: Aristóteles remete o filosofar como *theorein* e o ócio como *skhole*. Este possui um sentido diferente do atual. O *skhole* grego é um estado de liberdade, alheio de qualquer determinação ou necessidade. Ele não gera esforço ou preocupações.

⁴ ARISTÓTELES, *Política*, Apud Han, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 1838.

⁵ HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 1841.

⁶ *Ibid.*, posição 1842.

⁷ *Ibid.*, posição 1843-1846.

⁸ *Ibid.*, posição 1850-1853.

⁹ *Ibid.*, posição 1858.

dominante na era atual, mas pelo contrário, a sociedade do cansaço é, antes de tudo, a sociedade do trabalho.

Se a concepção de ócio pode ser atribuída, em suas raízes, aos gregos, por sua vez, a concepção atual de trabalho pode ser atribuída ao que Han chama de *projeto vital protestante*¹⁰ que, por sua vez é totalmente alheio a Aristóteles. De acordo com o filósofo alemão, o ócio como *schola* está para além da simples inatividade e também do trabalho. É, para ele, uma capacidade especial e precisa ser educada. Não se trata de uma prática de “desconexão” e nem é um “relaxamento”, *o ócio remete ao pensar como contemplação da verdade*¹¹.

O mundo atual está em vias de ser completamente absorvido pelo trabalho e, conseqüentemente, pela produtividade e pela eficiência que, de acordo com Han, tornam-se incompreensíveis e inacessíveis. O ócio, por sua vez, é um estado desvinculado de qualquer preocupação, necessidade ou impulso¹². A cultura antiga do ócio aponta para a possibilidade de um mundo diferente do atual, no qual não se preze fundamentalmente pelo *cuidado*¹³.

O ócio não é inação passiva e isso Santo Agostinho o distingue e define ao afirmar que o ócio não deve entreter e deleitar a ociosidade, mas deve chegar a alcançar a verdade: *Ao ócio louvável pertence o amor da verdade*¹⁴. Ao tomar o ócio na perspectiva aristotélica, é possível afirmar que esse trata as verdades eternas e imutáveis. Também a filosofia, como filosofia do Ser, está preocupada com estas verdades. Nesse sentido, a atual falta de ócio é um contributo para a não-filosofia, uma vez que esta depende do ócio. Acerca da incapacidade contemporânea de deter-se contemplativamente, Han afirma:

A incapacidade de ter ócio é um sinal de apatia. O ócio não tem a ver com não fazer nada, muito pelo contrário. Não está a serviço da dispersão, mas da reunião. O demorar-se requer uma recolha de sentido¹⁵.

¹⁰ *Ibid.*, posição 1859-1860.

¹¹ *Ibid.*, posição 1863-1864.

Verdade: O conceito de verdade possui algumas definições clássicas. Aqui se aplica o conceito de verdade como revelação, conforme vemos em Agostinho: *S. Agostinho, por um lado, define a verdade como "aquilo que é como aparece" (Solil, II, 5) e por outro considera como V. "aquilo que revela o que é, ou que se manifesta a si mesmo"; nesse sentido, identifica a V. com o Verbum ou Logos, que é a primeira manifestação imediata e perfeita do ser, ou seja, de Deus (De vera rei, 36).* (ABAGNANO, Dicionário de Filosofia, p. 995).

¹² *Ibid.*, posição 1854-1855.

¹³ Cuidado: aqui no sentido heideggeriano, do alemão *Sorge*.

¹⁴ AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, 19, 19.

¹⁵ HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 1867-1869.

A Idade Média possuía uma característica muito especial que a idade moderna e, conseqüentemente, a contemporaneidade não valorizam: é o primado da *Vita Contemplativa* sobre a *Vita Activa*. Nas palavras de Han: *Na Idade Média, a vida contemplativa gozava de prioridade frente a vida activa*¹⁶. Para Tomás de Aquino: *Vita contemplativa simpliciter melior est quam activa*¹⁷. E na mesma linha está o conhecido lema *ora et laborat*, que implica uma preponderância da oração (contemplação) frente o trabalho.

A concepção medieval acerca do trabalho e da contemplação implica também em uma configuração, concepção e vivência do tempo diferente do atual:

Na Idade Média, a vida activa, no entanto, estava muito embebida da vida contemplativa. O trabalho cobra sentido a partir da contemplação. O dia começa com rezas e com eles acaba. Eles dão ritmo ao tempo¹⁸.

A Idade Média possuía uma cosmologia própria e ao seu entorno gravitavam diversos elementos que, a semelhança das orações, funcionava como moderadores do tempo. À semelhança disso temos as festas – litúrgicas – que são dias que possuem um caráter diferente do ordinário, por possuírem um caráter narrativo diferente:

Os dias festivos tem outro significado muito distinto. Não são dias livres do trabalho. São um tempo de oração e de ócio, e tem o seu próprio significado. O calendário medieval não é um mero contar dos dias¹⁹.

Na tradição Católica, os dias possuem um caráter sagrado que é marcado pelas festividades. As festas dão um caráter solene ao dia e lhe atribuem uma narrativa própria, de modo que ele se diferencia dos demais, possui um tempo diferente, e também a maneira de se perceber esse tempo é diferente. Segundo Han, os dias festivos constroem o que ele chama de estações narrativas. Estas são responsáveis por constituir um *nó* no tempo. São *pontos fixos* que amarram essa narrativa *para que ela não escorra*. São *fragmentos temporais, que dividem o tempo e lhe dão ritmo*. Funcionam como

¹⁶ *Ibid.*, posição 1869-1870.

¹⁷ *Ibid.*, posição 1870-1871.

¹⁸ *Ibid.*, posição 1872-1873.

¹⁹ *Ibid.*, posição 1873-1875.

*fragmentos de um relato e esses fragmentos temporais são transições cheias de sentido dentro de um marco de tensão narrativa*²⁰.

Acerca do caráter sagrado dos dias e do marco narrativo a eles conferido pela liturgia, Anselm Grün afirma:

As festas caracterizam não apenas a celebração da eucaristia, mas também a oração coral durante o dia, e transmitem uma determinada cor, uma atmosfera, uma dimensão profunda. A liturgia convida para refletir novamente sobre a minha vida à luz dessas festas, adivinhando o mistério da minha existência²¹.

É evidente que, dentro da cosmologia medieval e também da própria dinâmica da religião cristã católica, especificamente, existe uma predominância do ócio sobre o trabalho, da contemplação sobre a atividade laboral. Todavia, essa situação, que era ideal na Idade Média, uma vez que toda a cosmogonia daquele tempo girava entorno do cristianismo católico, começa a mudar na baixa Idade Média. Em Thomas More temos um esboço do que seria um mundo onde todos trabalhariam de maneira equitativa. Todavia, na Utopia de More, o trabalho não possui, em si, nenhum valor. É durante a Reforma que o trabalho passa a cobrar um significado que vai para além das necessidades vitais e se relaciona com o sentido teológico, que dá a ele legitimidade e valor²².

O período que se sucede ao da baixa Idade Média é de valorização do trabalho, em detrimento do ócio²³. Cada vez mais o trabalho torna-se valor, enquanto o outro é tratado como inútil, ou desnecessário. O ócio vai decaindo a um patamar de simples recreação. É a partir de Lutero que acontece a vinculação entre o chamado de Deus aos homens e o trabalho. De acordo com Han, é graças ao calvinismo que o trabalho *cobra um sentido econômico-salvador (heilsökonomische)*²⁴. Como a salvação está vinculada ao trabalho, o sujeito passa a cobrar de si uma atuação constante, o que gera uma

²⁰ *Ibid.*, posição 1876-1879.

²¹ GRÜN, Anselm, *No ritmo dos monges, convivência com o tempo, um bem valioso*, p. 76.

²² HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 1883-1884.

²³ Diversas mudanças levaram ao fim da Idade Média, dentre elas destacam-se a Peste Negra e a Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra. Outras causas como a perda de grandes áreas de solo fértil reduziram a produção de alimentos, o que levou a uma fome generalizada na Europa. Esses foram os primeiros sinais do fim da Idade Média. A grande pobreza no Velho Mundo culminou no enfraquecimento da Igreja, na queda de monarquias como a da França em eventos como a Reforma Protestante. Tudo isso aconteceu a partir do século XIV, período que precedeu a era das grandes navegações, ou seja, o europeu voltou-se para o mar, em busca de novas oportunidades e de esperança. O fim da Idade Média é também o início da era Moderna. Esse “parto” da nova era ocidental demandou um esforço laboral, fortemente influenciado pelo protestantismo, e pelo ideal de independência e liberdade.

²⁴ *Ibid.*, posição 1885-1886.

preocupação por estar sempre ativo em alguma tarefa. O trabalho funciona, dentro da lógica Calvinista, como uma espécie de instrumento que separa os eleitos dos não eleitos e é possível ver a extensão desse fenômeno para outros ambientes, além dos religiosos, propriamente ditos.

De acordo com Han *o ascetismo intramundano do protestantismo relaciona o trabalho com a salvação*²⁵, isso faz com que o trabalho seja visto como um instrumento que se usa para dar glória a Deus. Nesse contexto, o trabalho passa a ser considerado como uma atividade vital.

Max Weber evidencia em seus escritos que *vê no espírito do protestantismo a prefiguração do capitalismo*²⁶. A constatação de Weber está baseada na evidência de que, o excesso de trabalho leva, conseqüentemente, a um acúmulo dos bens e, conseqüentemente, a um acúmulo do capital²⁷. Nas palavras do pietista Zinzendorf²⁸: *Não se trabalha somente para viver, mas se vive pelo trabalho, e se já não há que trabalhar, ou se sofre, ou se morre*²⁹. É evidente que o sentido da vida, a partir daí consiste no trabalho: é ele quem dita, por assim dizer, a maneira de ser dos sujeitos.

É perceptível que com a Reforma e, a partir dessa nova concepção de trabalho que a acompanha, a religião protestante é a responsável por transformar também a ideia de salvação. De acordo com Han, *o afã da Salvação* é que dá base para o *impulso do acúmulo*. Esta é a nova economia da salvação que *perdura no capitalismo moderno*³⁰. É o dinheiro que, por assim dizer, garante a “vida eterna”, no sentido de que, quanto mais dinheiro se tem, mais tempo se tem e quanto mais tempo, melhor se pode aproveitar da boa vida. É possível inferir que o famoso *slogam Time is Money* tenha sido “gerado” a partir da evolução dessas ideias.

Han também aponta a industrialização como um fato importante na disciplinarização do homem moderno. Segundo ele, *a industrialização supõe não só a maquinização do mundo, mas também a disciplinarização do homem*³¹. Existe aí uma tensão que sempre tenta igualar o homem a máquina:

²⁵ *Ibid.*, posição 1896-1897.

²⁶ WEBER, *La ética protestante y el espíritu del capitalismo*, Apud, HAN, Han, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 1907-1908.

²⁷ *Ibid.*, posição 1908.

²⁸ Nikolaus Ludwig von Zinzendorf (1700-1760): foi um reformador religioso do pietismo e líder da Igreja Morávia. É citado por Weber em sua obra sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo.

²⁹ WEBER, *La ética protestante y el espíritu del capitalismo*, Apud, HAN, Han, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 1898-1899.

³⁰ *Ibid.*, posição 1917-1918.

³¹ *Ibid.*, posição 1935-1936.

O dispositivo industrial é um imperativo econômico-temporal, que forma o homem de acordo com o ritmo das máquinas. Iguála a vida humana ao processo de trabalho e ao funcionamento das máquinas. A vida guiada pelo trabalho é uma *vita activa*, que está absolutamente apartada da *vita contemplativa*. Se o homem perde toda capacidade contemplativa se rebaixa a *animal laborans*³².

O processo de aproximação do homem à máquina cria uma situação onde as pausas e o tempo livre, não servem senão para recuperar-se do trabalho em vista de retomá-lo. É uma espécie de escravidão, da qual não se pode sair. O *Telos* da sociedade do trabalho não consiste no que diz Arendt, em satisfazer as necessidades da humanidade, mas de acordo com Han, o trabalho se converteu em um fim em si mesmo, o trabalho é um fim absoluto³³. Pela absolutização do trabalho ficam anulados os demais projetos de vida.

Também o processo laboral corrobora para a aceleração do tempo. Com os processos de produção cada vez mais acelerado, o tempo que sobra é gasto sem relações superficiais e fugazes. Com isso, o tempo perde a sua duração e parece transcorrer mais depressa, pois lhe falta o ponto de tensão narrativa, que ata os acontecimentos, impedindo que eles escorram de maneira fugaz. Também os bens que são produzidos possuem um caráter de pouca durabilidade, de modo que sempre é necessário produzir mais. Han afirma que a caducidade é o elemento constitutivo dos bens³⁴, afinal, também *o crescimento econômico depende do consumo e do uso vertiginoso das coisas*³⁵.

A lógica da sociedade contemporânea ameaça a existência do demorar-se contemplativo, através da dinâmica do consumo, que tem como objetivo produzir e consumir em escalas cada vez maiores:

Na sociedade do consumo se perde o demorar-se. Os objetos de consumo não dão lugar a nenhuma contemplação. Se usam e se consomem o mais rápido possível, para deixar lugar a novos produtos e necessidades. A demora contemplativa pressupõe que as coisas tem uma duração. A pressão do consumo, sem dúvidas, suprime a duração³⁶.

³² *Ibid.*, posição 1940-1943.

³³ *Ibid.*, posição 1949-1951.

³⁴ *Ibid.*, posição 1957.

³⁵ *Ibid.*, posição 1959-1960.

³⁶ *Ibid.*, posição 1962-1964.

O problema levantado por Han vai para além da aceleração. Este é um problema de segunda ordem, uma vez que o problema principal está na duração, ou melhor, em sua supressão. A serenidade, o recato, a espera e a retenção são, segundo Heidegger, formas de ser da *vita contemplativa*, à necessidade do trabalho³⁷. Essas formas, de acordo com Han, estão sujeitas a desaparecer, isso porque o sossego e a duração, que são condições fundamentais para a *vita contemplativa*, estão escassos. Nas palavras de Han: *A vita contemplativa é uma práxis de duração*. Assim sendo, ela gera um outro tempo ao interromper o tempo do trabalho³⁸, uma vez que esse não possui duração em si próprio.

2 O caminho para a verdadeira liberdade

Diante dos desafios implicados pela complexidade da sociedade contemporânea e pela extensão e pluralidade dos seus problemas, a pergunta sobre a liberdade do ser humano torna-se inevitável. Falta a relação contemplativa com as coisas a qual, segundo Aristóteles, por possuir um caráter divino está livre de qualquer impulso ou interesse. Todavia, essa relação contemplativa pressupõe estar livre do trabalho³⁹.

O trabalho é, de acordo com Hegel, aquilo que caracteriza o homem e o diferencia dos animais⁴⁰. O trabalho acompanha o homem ao longo da história e lhe é constitutivo, entretanto, a totalização do trabalho, que se dá a partir do projeto protestante e é reforçada e impulsionada pelo processo de industrialização e globalização, de acordo com Han, torna a sociedade compulsiva, *o dispositivo do trabalho cria uma nova servidão*⁴¹.

O imperativo do trabalho não torna a consciência livre, pelo contrário, de acordo com Han, esse imperativo faz com que as formas de ócio desapareçam⁴². De acordo com Aristóteles, a atividade deve estar sempre subordinada ao ócio⁴³, entretanto, na atualidade a atividade predomina sobre o ócio, a ponto de inverter por completo a relação proposta por Aristóteles. Nas palavras de Han, *o ócio hoje é um tempo de*

³⁷ HEIDEGGER, *Camino de Campo*, op. cit., p. 41.

³⁸ *Ibid.*, posição 1971-1973.

³⁹ ARISTÓTELES, *Política*, Apud HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2032-2035.

⁴⁰ HEGEL, Apud, HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2035-2037.

⁴¹ HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2056-2058.

⁴² *Ibid.*, posição 2059-2061.

⁴³ ARISTÓTELES, *Política*, Apud HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2061-2062.

recuperação ou de relaxamento necessário para o trabalho como atividade⁴⁴, e não o contrário.

A *Vita Activa* precisa integrar-se a *Vita Contemplativa*, e somente dessa maneira não haverá a supressão pela *Vita Activa*⁴⁵, pois o *animal laborans* conhece apenas pausas e não a tranquilidade contemplativa⁴⁶. Somente a supremacia da *Vita Contemplativa* pode reduzir as formas de trabalho ao útil e ao necessário⁴⁷ e impedir a sua absolutização. Esse processo é constitutivo para uma existência orgânica e integral.

No relato mítico da Criação, em Genesis, temos um dado mui significativo. Após ordenar o cosmos, durante seis dias, ao perceber a totalidade de sua obra, Deus descansa no sétimo dia. A interpretação feita por Han sobre essa passagem indica que o descanso é sagrado: *Também Deus descansa em si. Mas Ele é o ato puro* (actus purus). *Aqui, em si mesmo significa que não existe nenhuma dependência do exterior, que se é livre*⁴⁸. É nesse sentido que Aristóteles define a *Vita Contemplativa* (*bios theoretikos*) como sendo uma vida ativa. De acordo com Han, o pensar como *theoria é energeia, que significa literalmente* “atividade de obra”, ou “estar em obra”⁴⁹.

Tomás de Aquino também está de acordo com Aristóteles, acerca da *Vita Contemplativa*. O celebre filósofo assim descreve em sua *Suma Teológica*:

Os movimentos corpóreos externos se opõem ao repouso da contemplação, que consiste em estar alheio a ocupações externas. Mas o movimento que implica as operações da inteligência forma parte do mesmo repouso⁵⁰.

Tanto a inteligência, quanto as demais atividades a ela relacionadas são de ordem interna e, portanto, de ordem contemplativa. Em consonância com o Aquinate, Han coloca que *os acontecimentos que formam o mundo e a cultura, sem dúvidas, muito poucas vezes remetem a uma decisão consciente de um sujeito ativo*, pelo contrário, são produto do ócio e da *livre faculdade da imaginação*⁵¹. A atividade pura, por sua vez,

⁴⁴ HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2063-2065.

⁴⁵ *Ibid.*, posição 2069.

⁴⁶ *Ibid.*, posição 2103.

⁴⁷ *Ibid.*, posição 2116-2118.

⁴⁸ *Ibid.*, posição 2135-2136.

⁴⁹ *Ibid.*, posição 2138-2139.

⁵⁰ AQUINO, *Summa theologica*, II, 2, 180, 6.

⁵¹ HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2158-2159.

*empobrece a experiência, e é justamente a experiência a responsável por quebrar o ciclo do igual, as experiências transformam*⁵².

Segundo Aristóteles, a atividade contemplativa tem um caráter divino, por estar liberada de toda a ação:

De sorte que a atividade divina que sobrepassa a todas as atividades em beatitude, será contemplativa, e, em consequência, a atividade humana que está mais intimamente a esta atividade, será a mais feliz⁵³.

A *Vita Contemplativa* possui um papel ímpar na existência humana. É sobre ela que se constitui o alicerce sobre o qual se sustenta o horizonte de sentido de uma vida autêntica. Nas palavras de Han, *não é a vida ativa e sim a vida contemplativa, que se entrega a eternidade e aos deuses, que faz que os homens sejam o que devem ser*⁵⁴.

De fato, é evidente que a degradação da vida contemplativa torna o homem escravo do trabalho. Diante desse fato, Han afirma que não só é necessário, como também é possível a *revitalização da vida contemplativa*⁵⁵. Segundo Tomás de Aquino, a *vita contemplativa* é capaz de aperfeiçoar os homens: *In vita contemplativa quaeritur contemplatio veritatis in quantum est perfectio hominis*⁵⁶. Dessa forma, afastar-se do momento contemplativo *reduz a vida ao trabalho, ou a um mero ofício*⁵⁷. O que é um golpe para com a liberdade e para com a existência humana.

Na tradição cristã, segundo Han, não há lugar para uma valorização unilateral da *vita contemplativa*⁵⁸. Isso é evidente na regra beneditina *Orat et Laborat*, como no pensamento tomista e, conseqüentemente, em toda a tradição cristã-católica. A cultura ocidental possui como matriz as culturas grega, judaica e cristã. Essas três compõem as bases do pensamento ocidental. Logo, para um ocidental, não é necessário ser crente, ou professar uma fé em determinada religião para entender o que são os valores básicos para qualquer ser humano. Desse modo, é possível viver com base no pensamento, de matriz cristã, acerca da contemplação, como naturalmente se aprendem outros valores,

⁵² *Ibid.*, posição 2187-2188.

⁵³ ARISTÓTELES, *Ética nicomaquea*, op. cit., p. 194.

⁵⁴ HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2233-2235.

⁵⁵ HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2295-2296.

⁵⁶ AQUINO, *Summa theologiae*, II, 2, 180, 4.

⁵⁷ HAN, *El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse*, posição 2311-2314.

⁵⁸ *Ibid.*, 2315-2317.

sem necessariamente ser cristão. Para a *vita contemplativa* Han afirma que *o deter-se contemplativo é uma práxis de amabilidade*⁵⁹.

É evidente que um bom programa de vida, conforme afirma São Gregório, exige um equilíbrio entre a *vita activa* e a *vita contemplativa*, pois como afirma o filósofo teutocoreano, *A vita contemplativa sem ação está cega*, ao passo que, *a vita activa sem contemplação está vazia*⁶⁰. A meditação, por sua vez, depende de uma suspensão do trabalho, ela precede o trabalho:

A meditação começa quando o pensar no trabalho se detém. Somente no momento da detenção se atravessa um lugar no qual a formação⁶¹ (*Bildung*) está situada em frente⁶². Só a reflexão tem acesso a aquele que não é uma imagem, uma imaginação, mas que tem lugar⁶³.

A dimensão contemplativa é fundamental para se captar a amabilidade do belo⁶⁴. *A demora contemplativa concede tempo. Da amplitude ao ser [...]. A vida ganha tempo e espaço, duração e amplitude, quando recupera a capacidade contemplativa*⁶⁵.

O homem, sem dúvidas, possui em si um valor que o constitui como um ser dotado de dignidade perante todas as criaturas. De fato, essa dignidade está ligada diretamente a *vita contemplativa*, pois ela se sustenta com supostos próprios da inteligência, do raciocínio e da própria capacidade de contemplação, que é própria do homem e que o diferencia de qualquer outro ser ou objeto no mundo:

É necessária uma revitalização da *vita contemplativa*, posto que abre o espaço de respiração (*Atemräume*). Talvez o espírito deva a sua origem a um excedente de tempo, um *otium*, uma respiração pausada. Se poderia reinterpretar pneumas, que significa tanto “respiração” como espírito. Quem fica sem alento não tem espírito. A democratização do trabalho deve seguida de uma democratização do *otium*, para que aquela não se converta na escravidão de todos⁶⁶.

⁵⁹ *Ibid.*, 2354.

⁶⁰ *Ibid.*, 2326-2327.

⁶¹ N.A.: *Pela meditação, entendida desta maneira, chegamos propriamente ali onde sem experienciá-lo e sem vê-lo totalmente, vivemos já desde muito tempo. Na meditação nos dirigimos a um lugar desde o que, pela primeira vez, se abre o espaço que mede todo nosso fazer e deixar de fazer.*

⁶² N.A.: *A palavra bilden (“formar”) significa por uma parte: estabelecer uma pré-figura e produzir uma pré-inscrição. Logo significa dar forma e desenvolver umas disposições pré-existentes. [...] A meditação, ao contrário, é o que nos põe a caminho do lugar de nossa residência.*

⁶³ *Ibid.*, 2336-2340.

⁶⁴ *Ibid.*, posição 2354-2355.

⁶⁵ *Ibid.*, posição 2357-2359.

⁶⁶ *Ibid.*, posição 2361-2365.

A *vita contemplativa* possui um caráter fundamental na constituição humana. Sua degradação causou e causa enormes prejuízos e, como afirma Nietzsche, faz com que a humanidade caminhe para uma barbárie. Os prejuízos da cultura do trabalho são visíveis, sensíveis e podem destruir uma civilização. A cultura do ócio – a *vita contemplativa* – como *espaço de respiro* é a esperança que a humanidade possui para quebrar o ciclo da escravidão do trabalho.

Conclusão

O mundo como é hoje, globalizado, capitalista, com suas redes de comunicação instantânea, com um fluxo intenso de informações através dos diversos meios, exige do homem contemporâneo uma adaptação à essa realidade, tão recente e ao mesmo tempo tão instável, afinal o progresso científico busca, a cada instante, aperfeiçoar as técnicas para dar mais conforto ao homem. Nesse frenesi, nessa intensidade, é fácil perder de vista os valores que são inerentes ao ser humano, como o direito a vida e a liberdade. Também a manipulação, conforme apontado por Han, através da psicopolítica, consegue atingir a muitos e torna-se um agulhão, que cerceia a liberdade.

É nesse mundo, intenso, em que a filosofia precisa mostrar o seu caráter reflexivo, para que a humanidade saiba por onde caminha, saiba escolher o que é melhor para si como sendo o valor norteador de qualquer desenvolvimento. Existem valores como a justiça que são inegociáveis. Todavia, a filosofia pressupõe o pensamento que, por sua vez, precisa de um *espaço* apropriado, ou seja, de condições que propiciem a reflexão. Nesse sentido, a contemplação é a que juntamente com a vida ativa, torna-se o ponto de equilíbrio.

Hoje existe, analogamente, um retorno à Idade Média no que concerne a questão da doença: naquele tempo era a Peste que assolava a população, hoje são as doenças neuronais. Naquele tempo, o desenvolvimento científico não possibilitava a identificação, nem o tratamento devido dessa e de outras doenças, todavia, hoje, mesmo tendo os meios para o tratamento das doenças modernas, elas continuam a se desenvolver, ao passo que sempre está a surgir uma nova forma de enfermidade. Seja naquela época, ou seja hoje, o avanço científico se mostra incapaz de “estancar” as doenças, a ponto que sempre surgem novas enfermidades que não possuem cura. A questão aqui gravita ao entorno da questão: Será que todo progresso científico é

suficiente para dar sentido a vida do homem? Já ficou claro que não. O sentido constitui uma dimensão que se dá primeiramente no intelecto.

Embora a tradição grega e a cristã tenham valorizado o equilíbrio entre a *vita activa* e a *vita contemplativa*, atualmente, são raras as mentes que se pretendem tal feito. O equilíbrio entre o trabalho e o ócio é fundamental para o equilíbrio da vida de cada pessoa. O ritmo frenético do mercado faz com que as pessoas sejam instigadas a produzir, por meio do trabalho, e a comprar, todo o tempo. Não se trata aqui de criticar o regime capitalista que tem, é claro, as suas vantagens. Também não é uma questão de desmerecer o trabalho, pelo contrário, trata-se da valorização do trabalho como se deve, de fato, ou seja, em plena sintonia com a *vita contemplativa*, valendo-se aqui, novamente, da máxima de São Gregório que diz que um bom programa de vida exige o equilíbrio entre essas duas formas de vida.

De fato, é preocupante pensar que, ao nascer, todos correm o risco de viver uma vida que se resuma ao trabalho. Uma criança pode ser educada com vias de que aquela educação que ela recebeu lhe será importante única e exclusivamente para conseguir um bom emprego no futuro, pode receber uma educação formal com o viés de formar um bom trabalhador e não um bom cidadão; pode graduar-se, doutorar-se para ser um formador de trabalhadores. Afinal, o que se está a formar? Se está a formar cidadãos para um mundo melhor, mais justo, com valores pautados nos princípios de igualdade, solidariedade e outros princípios basilares, ou se está a formar ferramentas de um mercado consumidor? É essa discussão que se deve enfrentar por meio da reflexão. Todavia, quem irá pensar em desenvolvimento humano quando se é doutrinado, psicopoliticamente, a ser um trabalhador?

A questão do Cansaço tem como pano de fundo uma inversão de valores, dada na pós-modernidade, com a destruição dos valores de uma sociedade: a sociedade ocidental. Com a morte de Deus, proclamada por Nietzsche, a constituição formal do mundo ocidental é abalada. Os valores de verdade e temporalidade se perdem, ou quase inexistem. Embora seja difícil, é possível reestabelecer uma condição ideal de vida, pautada naqueles mesmos princípios modernos, outrora destituídos pela pós-modernidade.

A sociedade do cansaço é um dos rostos da sociedade contemporânea. É uma multifacetada sociedade e a sua pluralidade exige um equilíbrio ao olhar para as questões da atualidade. Nesse sentido, o pensamento de Han auxilia muito a pensar como se vive e como se pode obter uma otimização da vida, em função de sua

plenificação, ou seja, uma vida integralmente livre. A contemplação está dentro de um campo que fundamenta a vivência do homem e por isso precisa ocupar o lugar que lhe cabe. Não se trata de enaltecê-la, mas de fazer jus a sua posição fundamental na vida de cada ser humano.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah; **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. – 10. ed. – Ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2007.

_____, Hannah; **Vita activa oder Vom tätigen Leben**. Munique, 1981.

BAUDRILLARD; **Agonie des Realen**. Ed. Berlim: Merve Verlag, 1978.

BENJAMIN, W. **Gesammelte Schrifften**. Vol. II / 2. Frankfurt a.M., 1977.

EHRENBERG, A. **Das erschöpfte Selbst – Depression und Gesellschaft in der Gegenwart**. Frankfurt a.M., 2008.

FOUCAULT, Michel; **História da loucura na idade clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. – 4ª. ed. – Ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1972.

HAN, Byung-Chul; **A Sociedade da Transparência**. Tradução Miguel Serras Pereira. Ed. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

_____, Byung-Chul; **El aroma del tiempo: Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse**. Tradução Raúl Gabás. Ed. Barcelona: Herder Editorial, 2014 (Edição Kindle).

_____, Byung-Chul; **En el enjambre**. Tradução Raúl Gabás. Ed. Barcelona: Herder Editorial, 2014.

_____, Byung-Chul; **La agonía del Eros**. Tradução Raúl Gabás. Ed. Barcelona: Herder Editorial, 2015.

_____, Byung-Chul; **Psicopolítica: Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder**. Tradução Raúl Gabás. Ed. Barcelona: Herder Editorial, 2015 (Edição Kindle).

_____, Byung-Chul; **Sociedade do cansaço**. Tradução Enio Paulo Giachini. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HAAS, A.M.; **Die Beurteilung der Vita contemplativa und activa in der Dominikanermystik des 14. Jahrhunderts**. In: VICKERS, B. (org.). *Arbeit Musse Meditation*. Zurique, 1985.

HEGEL, G.W.F.; **Fenomenologia do Espírito**. Tradução Paulo Menezes. – 4ª ed. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HUMBOLDT, Wilhem von. **Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts**, Berlim, 1836.

NIETZSCHE, Friedrich. **Also sprach Zarathustra – Kritische Gesamtausgabe**, 5ª seção, vol. 1.

_____, Friedrich. **Así hablo Zarathustra**. Ed. Madrid: Alianza, 1981, p. 39.